

resenha

tríade
comunicação, cultura e mídia

O que é e por que estudar Semiótica?

Diogo Azoubel

Pontifícia Universidade de São Paulo (PUCSP), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, São Paulo, SP, Brasil. Contato com o autor: diogoazubel@gmail.com.
Orcid: 0000-0002-2839-5011.



O livro *Introdução à Semiótica*, de Winfried Nöth e Lucia Santaella, lançado no segundo semestre de 2017 pela Paulus como parte da *Coleção Introduções*, é uma daquelas obras que você começa a ler e se vê envolvido já desde as primeiras páginas. Depois de publicarem *Panorama da Semiótica* e *O que é Semiótica*, respectivamente, os autores se unem para solidificar juntos um percurso que ambos já percorrem exaustivamente sozinhos.

Como o próprio título sugere, trata-se de uma orientação preliminar àqueles que possam ser provocados pelo tema ou mesmo àqueles que, de alguma forma, já tenham iniciado a caminhada acadêmica pelo universo dos signos. Não por acaso, a divisão dos capítulos testemunha o caráter didático da obra, oferecendo um panorama sobre a configuração histórico-conceitual da semiótica (ou seriam semióticas?) enquanto ciência em seus diversos matizes.

No primeiro deles, os autores propõem um breve mapeamento da disciplina provendo indicações práticas e dados históricos para situar os leitores. Mas o que é, afinal, a semiótica (assim mesmo, sem caixa alta e em uma nítida alusão ao volume 103 da *Coleção Primeiros Passos*, da Editora Brasiliense)? Como os autores indicam, trata-se uma área do conhecimento humano que aborda os sistemas e os processos sógnicos na cultura e na natureza. Consiste, portanto, em uma ciência que “estuda as formas, os tipos, os sistemas de signos e os efeitos do uso dos signos, sinais, indícios, sintomas ou símbolos” (2017, p. 07).

Da etimologia do termo à diferenciação dele dos campos da Semiologia e da Semântica, Nöth e Santaella conseguem afastar qualquer suspeita de que a abordagem dos signos se refira e limite àqueles astrológicos (muito embora esses possam ser objeto de investigações semióticas). Mais do que isso, os autores avançam na argumentação que possibilita o entendimento – inclusive da história que o alicerça – da natureza sógnica “das coisas” e da sua consequente complexidade.

O Capítulo 2 é dedicado à teoria do estadunidense Charles Sanders Peirce (1839-1914), sendo iniciado com indicações sobre a adequada pronúncia do seu sobrenome e de títulos introdutórios que aprofundam o tema nas línguas portuguesa e inglesa. Longe de pretender usar este espaço para discorrer sobre a semiótica à Peirce (ou semiótica periana), cumpre ressaltar o papel dele na abordagem fenomenológica dos signos, esmiuçada em mais de 50 páginas que fazem desse o maior capítulo do livro.

No Capítulo 3, os fundamentos da semiótica estruturalista, ou semiologia, do francês Ferdinand de Saussure (1857-1913) são explorados com destaque para as diferenças em relação à abordagem proposta anteriormente. A trajetória como professor de Linguística Geral na Universidade de Genebra nos dá pistas acerca da atuação dele e nos provoca a aprofundar sua proposição mentalista e suas dicotomias (que atire a primeira pedra quem nunca ouviu falar de língua/fala), em páginas que funcionam como um convite à exploração do pensamento daquele que é considerado um dos fundadores da semiótica moderna (p. 91).

Sucessor imediato na linha de pensamento de Saussure, o dinamarquês Louis Hjelmslev (1899-1965) é o fundador da chamada glossemática, semiótica das linguagens que influencia o desenvolvimento da semiótica estruturalista no século XX. Abordados no Capítulo 4, os

conceitos “hiperestruturalistas” de Hjelmslev são citados pelos autores como influenciadores dos pensamentos de Barthes, Eco e Greimas, cada qual com sua particularidade, como exposto adiante.

Já no Capítulo 5, Nöth e Santaella justapõem reflexões breves sobre a semiótica funcionalista e sobre as funções semióticas, estabelecidas em um sistema específico. Trata-se de uma argumentação que indica a pertinência de leituras mais avançadas para que se possa compreender como se configuram, por exemplo, as funções comunicativas do russo Roman Jakobson (1896-1982) e, mais do que isso, para que se possa identificá-las nos textos do mundo.

Em seguida, explicam: a semiótica funcionalista, a teoria da informação e a engenharia de comunicações, influenciam o surgimento da chamada semiótica dos códigos, que se configura a partir dos pensamentos de Roland Barthes (1915-1980), Luis Prieto (1926-1996), Roman Jakobson e Umberto Eco (1932-2016). Da natureza dos códigos à função que eles exercem na comunicação humana, os autores reúnem no Capítulo 6 considerações importantes para o entendimento de níveis e estruturas de sistemas semióticos (há, na página 161 uma figura que os resume em analogia às estruturas e níveis da linguagem verbal).

O Capítulo 7 é reservado à abordagem da semiótica estruturalista e pós-estruturalista de Barthes. Nöth e Santaella nos convidam a perceber a Semiótica como terreno fértil para o surgimento e fortalecimento de abordagens sógnicas que se influenciam, modificam, dicotomizam e reinventam. Especificamente sobre os ensinamentos desse francês, indicam como é possível desprender sentidos outros que se estabelecem da construção de discursos verbais e não-verbais para além daqueles que se colocam na superfície (denotação X conotação).

No Capítulo 8, e a partir da abordagem do pensamento do lituano Algirdas Julien Greimas (1917-1992), os autores refletem sobre a semiótica discursiva (considerada pelo primeiro como “um projeto semiótico”), segundo a qual uma estrutura narrativa e uma lógica elementar se manifestam em qualquer tipo de texto. Ricamente abordados pelos pesquisadores nacionais, os ensinamentos de Greimas são usados para pensar objetos dos mais diversos domínios, como exemplificam Nöth e Santaella ao citar a Arquitetura e o Direito como exemplos.

Finalmente, no Capítulo 9, a semiótica da cultura do estónio Iúri Lotman (1922-1993) é explorada. Embora breve, a argumentação dos autores provoca os leitores a se munirem dos diversificados referenciais citados para aprofundamento de questões relativas às esferas e fenômenos propostos pelo autor para pensar – por vezes poeticamente – a chamada semiosfera.

Escrito em linguagem rica e acessível, o livro merece ser lido pelo menos uma vez por aqueles que se proponham a pensar, ainda que minimamente, o universo dos signos. Longe de se esgotar em si mesmo, a ideia parece muito mais indicar caminhos possíveis para o aprofundamento da Semiótica (agora sim com a devida caixa alta) como em uma espécie de trama que se desdobra sistematicamente.

As ricas referências compartilhadas, de alguma forma, nos provocam a buscar aprofundamento em outras obras para retornar à *Introdução*. Com efeito, o ciclo do fazer científico se retroalimenta na mesma medida em que, a cada nova leitura, outras possibilidades

reflexivas se fazem perceber.

Isso posto, Nöth e Santaella acertam o alvo: instigam um raciocínio rápido quase como se estivessem dialogando com seus alunos em sala de aula. Soma-se a isso a diagramação limpa que, como em um fichamento, indica as especificidades de cada parte do livro por meio de notas nas bordas das páginas. Já as atividades no fim das seções temáticas cumprem o papel de fomentar a reflexão do que vem a ser a semiótica (uma ou várias, os leitores decidem) e do porquê estudá-la.